

# Morar, viver, habitar

As dificuldades de projeto, as incansáveis horas de discussão e as diversas noites sem dormir não diminuem em nada a satisfação de pensar algo para a cidade, projetar um espaço mais humano que possibilite a integração entre pessoas, público e privado, tudo desenvolvido em uma moradia de cunho social, algo totalmente diferente dos moldes da cidade e que, desde o início, já é evidenciado pela escolha do terreno que representa um rasgo na malha urbana ortogonal.

Morar, viver, habitar no sentido de criar algo que não esteja somente relacionado à vida familiar, particular. Que esteja intimamente ligado aos diferentes usos durante todo o dia e estabeleça uma identidade com os moradores do conjunto e os moradores dessa grande metrópole, São Paulo, pois hoje, muitos que frequentam toda a área central durante o dia em suas jornadas de trabalho, à noite voltam para suas casas distantes, e o que era repleto de vida no centro se transforma em abandono.

Logo à frente da estação de metrô e trem Luz, entre vias de diferentes direções que conectam a cidade e constroem uma extensa rede de transporte público, um terreno de 4.000 m<sup>2</sup> cede espaço para dois conjuntos de habitação, um com 50 metros de comprimento com

28 habitações e o outro com 75 metros com 52 habitações, ambos com três pavimentos que, juntos, se abrem para o céu.

Uma grande praça entre os conjuntos, que, articula os espaços públicos e privados, serve como mestre de cerimônia e convida todos a entrar. Em um meio nível rebaixado, uma galeria de arte de 142 m<sup>2</sup> e um espelho d'água são dispostos embaixo de um dos conjuntos, produzindo não só um espaço cultural, mas um ambiente de reflexões individuais em um clima mais ameno onde o espelho d'água serve para refletir a arte e a arquitetura e também levar umidade às habitações.

Por outro lado, embaixo do maior conjunto, sete espaços destinados ao comércio e serviço, com 47m<sup>2</sup> cada, construídos com estrutura de aço e fechamentos leves (o que facilita a remodelagem dos espaços), são dispostos e geram uma contínua atividade no local. Ao fundo, também rebaixado, um espaço livre, onde podem ocorrer eventos e atividades esportivas, media o novo e o antigo. Um prédio abandonado construído na década de 20 retoma a tradição e a história muito presente na região. O aço, neste caso, é usado como reforço estrutural; seu térreo passa a ser todo vazado, os dois primeiros pavimentos viram creche que, por uma viga vagon em formato de passarela, vence um vão de 40 metros e faz a união do

antigo com o novo. O terceiro e quarto pavimentos e a cobertura se destinam a uma biblioteca.

Cinco volumes de concreto, um em cada extremidade dos conjuntos e uma no meio da maior, nascem do chão e delimitam, de maneira suave, o térreo das moradias; são as caixas de circulação vertical que, junto com duas vigas vierendeel engastadas nesses núcleos recebem todos os esforços em um vão de 40 metros. A partir desse momento todos os outros elementos de junção são articulados (junção entre perfis metálicos). Pilares, vigas e tirantes fazem uma complexa “rede” conectada com o intuito de prender as habitações levando os esforços as vigas engastadas no núcleo rígido.

Em cada andar, uma passarela centralizada liga o núcleo às habitações organizadas em duas fileiras longitudinais, uma voltada para o leste e outra para o oeste.

Por último, uma cobertura translúcida controla a entrada de raios solares zenitais, protege a passarela da chuva e compacta o edifício em um todo, tudo sem romper com a circulação de ar cruzada e em efeito chaminé.